

Infância e experiência

Doutoranda Mona Lisa Bezerra Teixeira¹ (USP)

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar a presença da infância na obra de Clarice Lispector, em alguns dos seus contos, como “A legião estrangeira”, “Felicidade Clandestina”, “Cem anos de perdão”, “Restos do Carnaval”. Esses textos representam bem mais do que simples recordação de um determinado período cronológico vivido pela autora e atingem uma formalização estética única em nossa literatura. Há um caráter dialético na relação entre os contos e as memórias que a autora relata, em algumas de suas crônicas e entrevistas, sobre seus tempos de infância no Recife.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Memória da infância e formalização estética, Literatura Brasileira moderna.

Benedito Nunes constata que na grande maioria dos contos de Clarice Lispector há o que se pode chamar de “tensão conflitiva” (NUNES, 1985, p. 84), ou seja, um episódio único será o responsável pela distensão da história, abrindo caminhos para o desnudamento do personagem diante da sua própria existência. Em alguns contos, essa “tensão conflitiva” se declara repentinamente e instaura um rompimento do personagem com o mundo. Em outros, vamos encontrar uma atmosfera de crise declarada, que não se resolve através de um ato, ao contrário, mantém-se firme do começo ao fim, seja na forma de aspiração ou devaneio, seja na forma do mal entendido ou da incompatibilidade entre as pessoas. Como consequência temos a propagação de uma atmosfera de estranheza diante das coisas, de conflitos de sentimentos, e de uma consciência culposa.

Em “A legião estrangeira”, é possível perceber a atmosfera de tensão desde o momento em que os personagens aparecem na parte inicial do conto e observam o pinto que chega à casa, provocando piedade e consternação na família. A partir daí saberemos da existência de Ofélia. Nas duas situações, as crianças são o ponto de partida para o desequilíbrio que se estabelece na vida da narradora:

[...] Veio trazido por mão que queria ter o gosto de me dar coisa nascida. Ao desengradarmos o pinto, sua graça pegou-nos em flagrante. [...] Em torno do pinto aflito, estávamos bons e ansiosos. A meu marido, a bondade deixa ríspido e severo, ao que já nos habituamos; ele se crucifica um pouco. Nos meninos, que são mais graves, a bondade é um ardor. A mim, a bondade me intimida. [...] Também nos desajeitava o medo que o pinto tinha de nós; ali estávamos e nenhum merecia comparecer a um pinto; a cada piar, ele nos espargia para fora. [...] Nós, os adultos, já teríamos encerrado o sentimento. Mas nos meninos havia uma indignação silenciosa, e a acusação deles é que nada fazíamos pelo pinto ou pela humanidade. A nós, pai e mãe, o piar cada vez mais ininterrupto já nos levava a uma resignação constrangida: as coisas são assim mesmo. Só que nunca tínhamos contado isso aos meninos, tínhamos vergonha, e adiávamos indefinidamente o momento de chamá-los e falar claro que as coisas são assim.

O menino menor não suportou mais:

— Você quer ser a mãe dele?

Eu disse que sim em sobressalto. Eu era a enviada junto àquela coisa que não compreendia a minha única linguagem: eu estava amando sem ser amada.

Eu estendi a mão e peguei o pinto.

Foi nesse instante que revi Ofélia. E nesse instante lembrei-me de que fora a testemunha de uma menina. (LISPECTOR, 1998, p. 64-66).

A narradora foi testemunha de uma menina que parecia saber de tudo, que era capaz de constrangê-la ao extremo nas mínimas observações, seja com relação ao seu dia-a-dia de dona de casa, seja na sua compleição de mulher. Para Ofélia Maria dos Santos Aguiar tudo a sua volta, e, principalmente, na casa da vizinha, estava sob o seu domínio. E é nesse território que vamos ter reconstituída a relação entre uma menina de “oito anos altivos e bem vividos” e uma mulher, funcionária de um escritório e mãe de dois filhos — menina e mulher que parecem ser muito diferentes. Silêncio, curiosidade e impertinência trafegam por essa história de modo desconcertante. A sensação de desamparo ocasionada pela presença do pequeno animal conduz a personagem que narra a história ao encontro de Ofélia, e, como consequência, ao desequilíbrio de uma experiência em família que se pretendia pacata.

[...] Tinha opinião formada a respeito de tudo. Tudo o que eu fazia era um pouco errado, na sua opinião. Dizia “na minha opinião” em tom ressentido, como se eu lhe devesse ter pedido conselhos e, já que eu não pedia, ela dava.[...] dizia que na sua opinião eu não criava bem os meninos; pois meninos quando se dá a mão querem subir na cabeça. Banana não se mistura com leite. Mata. Mas é claro a senhora faz o que quiser; cada um sabe de si. Não era mais hora de estar de robe [...] não era hora de ainda não ter tomado banho [...] empada de legumes não tem tampa. (p. 69).

E de nada adiantava a mãe de Ofélia ir buscá-la no apartamento da vizinha, pois a menina sempre voltava. E o tormento das visitas continuava. Ela era atraente demais para aquela criança.

Tinha defeitos bastantes para seus conselhos, era terreno para o desenvolvimento da sua severidade [...] ela voltava, sim, levantava os babados, sentava-se. (p. 72).

Então um episódio vai desestruturar a altivez da menina: a presença de um pinto na casa, trazido pela narradora para os seus filhos, em virtude das comemorações de Páscoa. Esse pequeno animal vai paralisar a insolência de Ofélia.

[...] Um pinto faiscara um segundo em seus olhos e neles submergira para nunca ter existido. E a sombra se fizera [...] Nos olhos que pestanejaram à dissimulada sagacidade, nos olhos a grande tendência à rapina. (p. 73).

Em questão de segundos Ofélia passa por uma tríplice condição: de menina altaneira, que não se surpreendia com nada, sempre pronta a dar todas as respostas, passa a ter um desejo incontrollável de ter o animalzinho, abandonando sua presunção de que tudo possui, até, finalmente, renascer em sua verdadeira condição de criança, pois se desestabiliza diante do inesperado, descobrindo as sensações no seu âmago mais puro, como bem nos fala a narradora ao vê-la com o pinto nas mãos.

[...] E, deslumbrada de desentendimento, ouvia bater dentro de mim um coração que não era o meu. Diante de meus olhos fascinados, ali diante de mim, como um ectoplasma, ela estava se transformando em criança. (p. 74).

Envolta de felicidade e amor, a menina tem o pintinho nas mãos, brinca com ele pela casa e se diverte como nunca. Até que subitamente quer voltar para o seu apartamento, e pela primeira vez pede autorização à dona da casa para ir embora. Somente após um tempo, a narradora percebe algo estranho, e ao chegar à cozinha se depara com o bichinho morto, numa atmosfera que oscila entre o desespero e o arrependimento por ter dado tanta liberdade à pequena menina — sem tê-la avisado de que o “amor em excesso, às vezes, mata”.

Como afirma José A. Pessanha, o que faz a tragédia de Ofélia ser universal é o fato de que também para ela, “miniatura de adulto”, a vida que se vive é breve.

[...] Desabituada de viver dentro da vida, viciada em sobreviver, faz da vida aflito amor, apressado, desastrado amor – criminoso amor. E, assustada, prefere voltar à serenizada sobrevivência. Ainda que exilada da vida e da realidade, ainda que distante de seu ser – essa pátria abandonada. Ainda que integrando a “legião

estrangeira”[...] Mas se Ofélia é a **adulteração** da infância original, os adultos pobres-de-espírito são, na obra de Clarice Lispector, a indicação do caminho de regresso à infância perdida. Caminho de suportação da vida psicológica à beira do mundo-aí, num esforço de fidelidade à sua essência presente, à sua imanência, ao somente-isto-que-ele-é. Esforço que, no primeiro passo, é “redução-psicológica” e depois é fenomenológica redução do real à essencialidade pura do **isto-aqui**. (PESSANHA, 1989, p. 188).

No conto “Restos de Carnaval” somos apresentados à recordação sensível de uma personagem que nos relata momentos acontecidos nos dias de folia. Sentimentos conflitantes se misturam e deixam na pequena menina pobre, àquela época com 8 anos, e que não participava de nenhum baile infantil, impressões permanentes sobre a “posse” que tinha da cidade do Recife nos dias de carnaval.

A sua pouca alegria dependia dos maiores da casa deixarem-na ficar à porta do sobrado até às 11 horas da noite, e em economizar pelos três dias de festa um vidro de lança-perfume e um saco de confetes. As vozes das pessoas nas ruas e praças cantavam alto a sua alegria, que era secreta.

Nunca havia sido fantasiada. Isso então pôde ocorrer pela primeira vez em virtude das sobras de papel crepom oferecidas pela mãe de uma amiga. No grande dia, repleto de expectativas pela sua transformação em algo que não ela mesma, acontece o imprevisto. Sua mãe, há tempos muito doente, piora repentinamente, mudando o curso da alegria tão esperada.

[..] Mas houve um carnaval diferente dos outros. Tão milagroso que eu não conseguia acreditar que tanto me fosse dado [...] É que a mãe de uma amiga minha resolvera fantasiar a filha e o nome da fantasia era no figurino *Rosa*[...] Foi quando aconteceu, por simples acaso, o inesperado: sobrou papel crepom, e muito. E a mãe de minha amiga — talvez atendendo a meu apelo mudo, ao meu mudo desespero de inveja, ou talvez por pura bondade, já que sobrara papel — resolveu fazer para mim também uma fantasia de *rosa* com o que restara do material [...] Mas por que exatamente aquele carnaval, o único de fantasia, teve que ser tão melancólico? [...] Muitas coisas que me aconteceram tão piores que esta, eu já perdoei. No entanto, essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um *destino* é irracional? É impiedoso. Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, ainda com os cabelos enrolados e ainda sem batom e ruje — minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou em casa e mandaram-me comprar depressa um remédio na farmácia. Fui correndo vestida de *rosa* — mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que cobriria minha tão exposta vida infantil — fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava. (LISPECTOR, 1998, p. 27-28).

De modo comovente o conto nos revela a dependência que a criança, com relação a sua felicidade, possui diante do adulto. No começo da história a menina depende da alegria dos que estão nas ruas para contagiar-se por esse sentimento. Depois está sujeita à autorização dos adultos para contemplar essa manifestação à porta de sua casa. Também depende de quem compre um pequeno saco de confetes e um lança-perfume, além de ter que pedir a ajuda de uma das irmãs maiores para mudar o seus cabelos lisos em cachos e passar batom para deixar de se sentir apenas uma menina. Até que um golpe de sorte a faz ter uma fantasia pela primeira vez, ocasionada também pela dependência do gesto de um adulto, a mãe de sua amiga que se dispôs a transformá-la em uma rosa.

Desnorteada diante desse universo instável de sentimentos que voltam a sua memória, a narradora retoma esse momento de sua infância, não em busca de explicações para o ocorrido, mas em virtude da necessidade de reaver aquela menina que começava a tomar conhecimento das contradições inseparáveis da existência humana. A alegria fortuita de uns em convivência com o sofrimento perene de outros, que se manifestam tanto no ambiente privado de sua casa quanto nas ruas da cidade de Recife. Até que ao fim da história temos o momento que gera a recordação

indelével de júbilo para a força que possui a narrativa, a sua descoberta por um menino, que enfim a percebe como uma rosa, nascida para ser vista.

[..] Quando horas depois a atmosfera em casa acalmou-se, minha irmã me penteou e pintou-me. Mas alguma coisa tinha morrido em mim. E, como nas histórias que eu havia lido sobre fadas que encantavam e desencantavam pessoas, eu fora desencantada; não era mais uma *rosa*, era de novo uma simples menina. Desci até a rua e ali de pé não era uma flor, era um palhaço pensativo de lábios encarnados. Na minha fome de sentir êxtase, às vezes começava a ficar alegre mas com remorso lembrava-me do estado grave de minha mãe e de novo eu morria.

Só horas depois é que veio a salvação. E se depressa agarrei-me a ela é porque tanto precisava me salvar. Um menino de uns doze anos, o que para mim significava um rapaz, esse menino muito bonito parou diante de mim e, numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade, cobriu meus cabelos já lisos, de confete: por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, mulherzinha de oito anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa. (p. 28).

O sentimento de culpa diante das pequenas alegrias, que sempre está presente em virtude da saúde de sua mãe, desaparece nesse instante mágico. Instante que se perpetua na memória da mulher que hoje recorda essa experiência inesquecível. A recordação desse episódio demonstra que a infância, como diz Bachelard, é maior do que a realidade. (BACHELARD, 1993, p. 35).

A descoberta de Monteiro Lobato, na infância relatada em “Felicidade Clandestina”, deu origem a um dos contos mais conhecidos de Clarice Lispector e de forte caráter biográfico. O desejo voraz da leitura e a privação desse anseio pela artimanha cruel de uma outra menina demonstram mais uma vez a sua dificuldade diante do alcance da tão desejada alegria. Nesse episódio, a felicidade é mais uma vez propiciada pela interferência de um adulto, a mãe da menina, que descobre de maneira casual a perversidade de sua filha, que havia feito a pequena Clarice ir por dias e dias em busca das *Reinações de Narizinho* para dizer-lhe sempre que o livro não estava em casa, embora ele nunca tivesse saído de lá.

O plano secreto da filha do dono da livraria era tranqüilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo [...] Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes, ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados [...] Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe[...] Até que essa mãe boa entendeu. [...] E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha [...] Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser”. Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer. (LISPECTOR, 1998, p. 10-11).

Em uma crônica escrita para o Jornal do Brasil em 12 de outubro de 1968 chamada “Fidelidade” ela relembra esse contato:

Quanto a mim, continuo a ler Monteiro Lobato. Ele deu iluminação de alegria a muita infância infeliz. Nos momentos difíceis de agora, sinto um desamparo infantil, e Monteiro Lobato me traz luz. (LISPECTOR, 1999, p. 142).

Durante toda sua infância enfrentou privações econômicas e o acesso aos livros tornava-se difícil em virtude de outras prioridades básicas para a família, o que não impediu seu extraordinário desempenho nas escolas por onde passou em Recife e no Rio de Janeiro. Em “Felicidade Clandestina” o deslumbramento diante do livro tão desejado vai muito além da descrição de um evento sofrido lembrado anos depois. Nele encontramos os indícios de uma sensibilidade que começava a deixar de ser oculta para emergir diante do mundo da escrita. O livro não é apenas uma tarefa recomendada para uma leitura escolar. É símbolo de algo muito maior que não terminará após sua conclusão. Essa memória da infância perpetua-se como mais “um drama do dia seguinte” a ser contado em suas histórias, tecidas por personagens que lutam contra as instabilidades do mundo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada [...] Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante. (p.12).

Em outra crônica publicada no Jornal do Brasil, “O primeiro livro de cada uma de minhas vidas”, temos uma espécie de depoimento sobre as leituras que mais influenciaram a vida de Clarice. É interessante notar que a trajetória feita pela autora se inicia com um livro de contos maravilhosos, “Aladim e a lâmpada mágica”. Depois de “O patinho feio”, passa pelas “Reinações de Narizinho”. Ela mesma vai lembrar que este livro era emprestado, porque era muito caro e custou o sacrifício de humilhações e perseveranças. O relato prossegue com uma espécie de resumo do que seria a vivência retratada em “Felicidade Clandestina”, até chegar ao seu inesquecível encontro com Katherine Mansfield: “mas esse livro sou eu”. (LISPECTOR, 1999, p. 452).

No conto “Cem anos de perdão” vamos encontrar mais uma vez a descrição de aspectos de sua infância em Recife, a narrativa revela o roubo de rosas e pitangas das casas alheias, e deixa de ser uma transgressão para ganhar um caráter de redenção diante da infância repleta de dificuldades. A posse imaginária dos casarões com os seus belos jardins, nas “ruas dos ricos”, alegra a menina sonhadora, que irá se encantar apenas com uma simples rosa, esquecendo a imponência do palacete que invade para ter a flor em suas mãos. A partir daí a prática se torna freqüente e lhe proporcionava uma glória que ninguém poderia tirar. A opressão que geralmente acompanha a criança, nesse caso, se afasta completamente e dura por muito tempo como um segredo que só foi revelado anos depois para nós leitores.

Nunca ninguém soube. Não me arrependo: ladrão de rosas e pitangas tem 100 anos de perdão. As pitangas, por exemplo, são elas mesmas que pedem para ser colhidas, em vez de amadurecer e morrer no galho, virgens. (LISPECTOR, 1998, p. 62).

As rosas e as pitangas ganham outra dimensão na narrativa, simbolizam uma subversão da ordem que liberta a menina, mesmo que por breves instantes, das condições adversas, e que continua sendo, ao longo da vida da personagem que rememora, um símbolo de liberdade. Podemos dizer que foi dessa maneira que as recordações da infância de Clarice Lispector se revelaram mais do que um acúmulo de experiências vividas e transfiguradas na ficção. Os acontecimentos do mundo exterior apresentados aos seus olhos, por mais banais que tenham sido, propiciavam a manifestação de uma consciência sempre em movimento contrário ao senso comum, inconformada com meras representações ilustrativas.

Referências Bibliográficas

- [1] BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- [2] LISPECTOR, C. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- [3] LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- [4] NUNES, B. **O drama da linguagem**. São Paulo: Ática. 1995.
- [5] PESSANHA, J.A. Clarice Lispector: o itinerário da paixão. In: **Remate de males**. Revista do Departamento de Teoria Literária, n.9. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1989.

Autor

¹ **Mona Lisa BEZERRA TEIXEIRA, Doutoranda.**
Universidade de São Paulo (USP)
Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada
mona.lisabt@usp.br